

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Aeroporto Internacional de Cabo Frio**

Cabo Frio-RJ, 28 de setembro de 2007

Primeiro, quero cumprimentar o meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,

Cumprimentar o nosso vice-governador, o nosso companheiro Pezão,

Cumprimentar o Jorge Picciani, presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro,

Cumprimentar o senador Paulo Duque, os deputados Edson Santos, Bernardo Ariston, Chico D'Angelo e o dr. Paulo César,

Cumprimentar o nosso companheiro Marquinhos Mendes, prefeito de Cabo Frio,

Cumprimentar o Sérgio Gaudenzi, presidente da Infraero,

Cumprimentar os empresários Murilo Junqueira, presidente da Costa do Sol Operadora Aeroportuária,

Cumprimentar o Francisco Pinto, presidente do Conselho de Administração da Costa do Sol Operadora Aeroportuária,

Cumprimentar os secretários de estado, a secretária do governador Sérgio Cabral,

Os secretários da prefeitura,

Os vereadores,

E dizer para vocês, meus queridos companheiros de Cabo Frio, quando eu ainda estava disputando a campanha e fiz a primeira reunião com o governador Sérgio Cabral, eu disse uma coisa, no primeiro comício que fizemos juntos, que Sérgio Cabral e eu poderíamos, se quiséssemos, fazer a maior parceria já feita entre um governo de estado e um presidente da República, para que o Rio de Janeiro recuperasse o prestígio e deixasse de sair nas páginas dos jornais apenas pela violência, pelo crime organizado e pelo narcotráfico, que era importante mudar a cara do Rio de Janeiro. Pois bem, isso só é possível quando você tem um governador desprendido, quando

você tem um governador que não quer disputar cada milímetro de espaço e que não está preocupado com que cargo ele vai disputar daqui a quatro anos. Quando você tem no estado um governador eleito que sabe que tem a obrigação de governar bem nos primeiros quatro anos, porque foi para isso que ele foi eleito, e em função dessa boa governança, tem o direito de pleitear aquilo que ele quiser ser.

Pois bem. É muito importante que o governador tenha no presidente da República um companheiro e é muito importante que o presidente da República tenha no governo do estado um companheiro. E, mais importante, é quando esse governador é capaz de articular com os prefeitos sem querer saber se o prefeito é do PT, do PSDB, do PFL, mas querer saber que esse prefeito precisa fazer o melhor possível, porque quando ele acerta, o povo ganha. Quando ele erra, o povo perde. E nós não fomos eleitos para fazer com que o povo perca.

Este aeroporto aqui é mais uma demonstração disso. Aqui tem 12 milhões e 900 mil reais do governo do estado, aqui tem 11 milhões e 600 mil reais do governo federal, da nossa Aeronáutica, aqui tem 5 ou 6 milhões de reais do prefeito, aqui tem 5 ou 6 milhões de reais da iniciativa privada. Essa somatória de interesses é que permitiu que o Boeing presidencial pudesse pousar aqui hoje, no primeiro vôo de Boeing neste aeroporto. Bem, a partir do Boeing presidencial ou do Airbus presidencial, qualquer outro avião pode pousar aqui, Sérgio. Pode vir avião do Japão, da China, da Alemanha, de Portugal, da Espanha, de onde você quiser, da Argentina, do Uruguai, do Paraguai, do Equador, da Colômbia, da Venezuela, do México. Sabe por quê? Porque agora o aeroporto está provado e comprovado. Ou seja, porque o pessoal que cuida do meu avião só pousa em aeroporto seguro, por isso é que eu estou pousando aqui.

A segunda coisa, companheiros e companheiras de Cabo Frio, que eu queria dizer para vocês, é que eu sou um ser humano determinado. Eu acho que não existe espaço no mundo para pessoas que se sentem derrotadas diante de qualquer obstáculo. Esses, não vão a lugar nenhum. Os que vencem são aqueles que persistem, são aqueles que perseveram, são aqueles que acreditam.

Eu estou convencido, Sérgio, de que o País vive um dos momentos mais extraordinários desde a descoberta do Brasil. As coisas estão todas

combinando entre si. Eu acabo de fazer uma viagem, Sérgio, fui à Finlândia, fui à Noruega, fui à Dinamarca, fui à Suécia, fui à Espanha, e agora eu fui a Washington e tive um encontro com 12 presidentes de países estrangeiros. Sérgio, o dia em que nós, brasileiros, e, sobretudo, os nossos empresários tiverem 50% da confiança no Brasil que estão tendo os investidores estrangeiros, este País vai dar um salto de qualidade em dez anos, que ele não deu em 50 anos. Vai dar um salto de qualidade extraordinário.

Vejam vocês: há pouco tempo teve a crise da Rússia e quando teve a crise da Rússia, o Brasil quebrou. Depois, nós tivemos a crise da Malásia e o Brasil, outra vez, quase quebrou. Agora, nós estamos tendo uma crise nos Estados Unidos, que é a famosa crise imobiliária. Nos Estados Unidos, não sei se vocês sabem, eles financiam uma casa. A casa custa 300 mil dólares, aí um cidadão compra a casa. Se, um ano depois, a casa estiver valendo 400, o cidadão que tinha feito uma dívida de 300 para comprar a casa pode ir ao banco e pegar mais 100 mil dólares, porque é o valor da casa. E aí ele vai consumindo, e é por isso que a sociedade americana cresceu tanto. Só que as casas não subiram, o valor da casa caiu. E o que aconteceu? Um milhão e meio de pessoas já perderam a casa. Os bancos de investimento que compravam títulos, muitos já estão quebrando. Só o Banco Central europeu já colocou 400 bilhões de dólares. Os Estados Unidos já colocaram mais 200 bilhões de dólares e eu já estou falando de 600 bilhões de dólares. Na crise russa, sabem qual foi o dinheiro colocado? 90 bilhões de dólares e o Brasil quebrou.

Agora, eles já colocaram 600 bilhões de dólares e a Bolsa brasileira bate recorde todos os dias e toda hora. Por quê? Porque, Sérgio, eu aprendi, na minha vida de 27 anos dentro de uma fábrica, que quando a gente recebe o salário contado no final do mês e a gente é sério, a gente não gasta o dinheiro jogando *snooker* antes de chegar em casa. A gente vai para casa com o dinheiro, senta com a mulher da gente e discute, primeiro, o que tem que pagar; segundo, o que tem que comprar; depois, a gente separa o dinheiro do transporte do mês inteiro; se der para comprar uma coisa nova, compra. Se não der, espera pelo mês seguinte. Quando chega o final do ano, Sérgio, a gente recebe, na fábrica, décimo-terceiro, às vezes, a gente recebe férias e, às vezes, a gente recebe 50% do décimo-terceiro do ano seguinte. Então, a gente

recebe uma bolada razoável. Quando o trabalhador é sério, ele se senta com a mulher antes do Natal, ou a mulher que trabalha se senta com o marido e com a família antes do Natal, e não gasta tudo, não.

Tem gente, como os que governaram antes de nós, que gasta tudo antes do Natal. Chega no mês de janeiro, quando a gente recebe o pagamento, aí o pagamento de janeiro vem salgado de descontos. Além de a gente ter que pagar tudo que é imposto, eles descontam imposto de renda, descontam um monte de coisas, e a gente recebe nada. Então, o que a gente faz? A gente guarda dinheiro para que a gente não atravesse o mês de janeiro quebrado. Quem vive de salário sabe disso.

Pois bem, o que nós fizemos, Sérgio? Em 2003, você sabe que eu fui xingado, você sabe que, muitas vezes, companheiros meus diziam “Lula, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tem que gastar”, e eu aprendia aquela fábula da cigarra e da formiguinha. Enquanto a cigarra cantava, a formiguinha trabalhava, a cigarra cantarolava e a formiguinha trabalhava. Quando veio o inverno, a cigarra pifou e a formiguinha estava tranqüila, com comida, para cuidar da sua família o tempo inteiro. Essa fábula não é muito honesta com a cigarra, porque a cigarra também não é um bicho tão ruim assim. Mas, o que nós fizemos? Nós sabíamos que era preciso criar uma espécie de muro de defesa do Brasil, que não precisava ficar dependendo dos outros. Vocês vejam que essa crise toda, até agora o Guido não foi a Washington, até agora nenhum ministro foi a Nova Iorque, porque nós temos 162 bilhões de dólares de reservas. Portanto, os americanos que cuidem da sua crise e deixem o Brasil progredir, porque nós merecemos e construímos isso.

E eu digo isso para dizer, Sérgio, que os 504 bilhões de reais que nós estamos colocando no PAC são o maior investimento do governo federal em obras de infra-estrutura, nas últimas décadas neste País. E esse dinheiro, uma boa parte dele vai vir para o Rio de Janeiro, porque nós vamos cuidar, junto com o governador e com os prefeitos, das principais favelas do Rio de Janeiro. Nós vamos cuidar, porque nós achamos que o Rio de Janeiro é uma obra divina. Deus, quando fez o mundo, fez o Rio de Janeiro e deve ter jogado o esboço fora, porque ninguém consegue ter um lugar mais bonito do que este estado do Rio de Janeiro. Não existe.

Então, se Deus fez esta obra-prima, por que a gente haverá de

estragar? Lamentavelmente, Sérgio, você e eu estamos construindo o que alguns estragaram. Mas eu quero te dizer uma coisa, Sérgio, quero te dizer o seguinte. Se depender de você e de mim, o povo do Rio de Janeiro pode ter a seguinte confiança: não haverá nada que possa fazer com que eu e o Sérgio Cabral venhamos, por coisas menores, criar qualquer problema entre nós que o resultado venha a prejudicar o povo do Rio de Janeiro. Não temos essa irresponsabilidade. Os projetos que nós temos para o Rio de Janeiro são para transformar o Rio de Janeiro, economicamente, num estado muito forte neste País. E este aeroporto aqui, vocês estão vendo aquela pista ali... Por trás de uma pista destas, vai vir uma empresa; por trás desta pista, vai vir um avião do estrangeiro, vai vir um turista, vai ser construído um hotel, vai ter que contratar uma camareira, vai ter que contratar uma atendente, vai ter que contratar um companheiro para fazer uma boa caipirinha para a gente atender os nossos cidadãos do mundo que virão aqui, e tudo o mais ficará feliz.

Eu, Sérgio, tinha uma lembrança de Cabo Frio um tanto quanto ruim, porque eu estava de férias em Cabo Frio no dia 22 de dezembro de 1988, quando eu recebi a notícia da morte do Chico Mendes, no Acre. Eu tive que pegar um avião, cortar as minhas férias, ir lá para o Acre, à cidade de Xapuri, para o enterro do Chico Mendes. Quando eu cheguei aqui, tive a notícia do marido da Benedita, do Bola, que tinha morrido no Rio de Janeiro. Eu tinha acabado de chegar da morte do Chico Mendes e daqui mesmo fui para o cemitério São João Batista, para o enterro do Bola, do nosso companheiro Bola. Então, eu tinha uma imagem meio triste de Cabo Frio. Agora, eu estou aqui, olhando na cara de vocês, olhando na cara do Prefeito, olhando na cara do Governador, e estou dizendo o seguinte: realmente, chegou a vez de Cabo Frio deixar de ser uma cidade secundária e passar a ser uma cidade conhecida.

Eu, Marquinhos, quando chegar agora na Espanha, quando chegar na Itália, quando chegar na França, eu vou encontrar gente falando assim para mim: "Presidente Lula, eu fui a Cabo Frio, eu fui à praia de Cabo Frio." Aí Cabo Frio vai ficar mais famosa, vão vir mais empresas, vão vir mais empregos, vai ter mais salários, vai ter mais renda e mais comércio. No ano que vem, você vai inaugurar aqui um Cefet, que é uma escola profissional para essa meninada.

E eu só posso terminar, Marquinhos, desejando a você, desejando ao povo de Cabo Frio, toda a sorte do mundo. Olhe, eu recebi hoje os documentos da fábrica Álcalis, apenas hoje eu recebi os documentos que os companheiros do sindicato me entregaram. Eu vou dar uma estudada direitinho. Na segunda-feira, eu vou estar no Rio de Janeiro outra vez com o Sérgio Cabral, nós vamos fazer aqui também algumas coisas importantes no Rio de Janeiro. E eu quero dizer para vocês que eu vou estudar com muito carinho o que a gente pode fazer para recuperar essa empresa do nosso País.

Companheiros, muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.